

Nos passos do Papa Francisco: inspirações à Igreja “em saída”

Siguiendo los pasos del papa Francisco: inspiraciones para una Iglesia “en salida”

In the footsteps of Pope Francis: inspiration for a Church “that goes forth”

Aleisson Rodrigues Amaral¹



Resumo: O presente artigo faz considerações fundamentais sobre a Igreja “em saída”, expressão assumida pelo Papa Francisco como marca do seu pontificado. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica, a partir da qual interpretamos os dados que tocam a temática. Dessa forma, consideramos como relevante, para a Igreja “em saída”, o testemunho dos discípulos missionários; a opção pelos pobres; a descentralização como caminho da conversão pastoral; e a vida segundo o Espírito Santo, que nutre a espiritualidade missionária. A Igreja “em saída” está em continuidade com a atualização proposta no Vaticano II. Apesar da expressão ter sido evidenciada no pontificado do Papa Francisco, a prática de uma Igreja “em saída” se configura como um processo que não pode terminar nele. O seu legado continuará iluminando a vida eclesial em busca da fidelidade ao Evangelho. Portanto, o movimento provocado pelo pontificado de Francisco despertou para as exigências da missão em todos os âmbitos da evangelização.

Palavras-chave: Igreja “em saída”; Papa Francisco; Espírito Santo.

Resumen: El presente artículo ofrece algunas reflexiones fundamentales sobre la Iglesia «en salida», expresión adoptada por el papa Francisco como sello distintivo de su pontificado. Para ello, hemos llevado a cabo una revisión bibliográfica, a partir de la cual interpretamos los datos relacionados con esta temática. De este modo, consideramos relevantes para la Iglesia «en salida» el testimonio de los discípulos misioneros; la opción por los pobres; la descentralización como camino de conversión pastoral; y la vida según el Espíritu Santo, que alimenta la espiritualidad misionera. La Iglesia «en salida» se inscribe en la continuidad de la actualización propuesta en el Concilio Vaticano II. Aunque la expresión se ha puesto de manifiesto en el pontificado del papa Francisco, la práctica de una Iglesia «en salida» se configura como un proceso que no puede terminar en él. Su legado seguirá iluminando la vida eclesial en busca de la fidelidad al Evangelio. Por lo tanto, el movimiento provocado por el pontificado de Francisco ha despertado las exigencias de la misión en todos los ámbitos de la evangelización.

Palabras clave: Iglesia “en salida”; Papa Francisco; Espírito Santo.

¹ Graduação em Filosofia pelo ISTA. Pós-graduando em Missiologia pela FATEO/CCM. Seminarista da Diocese de Araçuaí. E-mail: aleisson.sj@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8545732679487144>.





Abstract This article offers fundamental reflections on the “Church that goes forth,” an expression adopted by Pope Francis as a hallmark of his pontificate. To this end, we conducted a literature review, based on which we interpret the data pertaining to this theme. Thus, we consider the following to be relevant to the “Church that goes forth”: the witness of missionary disciples; the option for the poor; decentralization as a path to pastoral conversion; and life according to the Holy Spirit, which nourishes missionary spirituality. The “Church that goes forth” is in continuity with the renewal proposed at Vatican II. Although the expression has been highlighted during Pope Francis’s pontificate, the practice of a “Church that goes forth” is a process that cannot end with him. His legacy will continue to illuminate ecclesial life in the pursuit of fidelity to the Gospel. Therefore, the movement sparked by Francis’s pontificate has awakened the demands of mission in all areas of evangelization.

Keywords: Church “that goes forth”; Pope Francis; Holy Spirit.

1. Introdução

O pontificado do Papa Francisco destacou-se pelo apelo à Igreja “em saída”. Na esteira das inspirações do Concílio Vaticano II, ele buscou uma atualização da Igreja, em vista da fidelidade à missão. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* lançou as bases do seu pontificado, cuja marca é o apelo para que todos os batizados assumam a causa missionária. Para tanto, ela apontou a necessidade da descentralização na Igreja, em vista de uma evangelização que chegue às periferias, geográficas e existenciais.

Em espírito sinodal, o Papa Francisco iniciou processos que estão enraizados na Igreja ao serviço da “saída” missionária. Por isso, suas propostas não morreram com ele, pois a sua clareza no seguimento a Jesus Cristo e abertura à ação do Espírito Santo foram os pilares na luta contra a autorreferencialidade. Nesse sentido, a proposta da Igreja “em saída” não foi apenas um jargão, mas um processo que envolve todos os batizados, também no tempo presente.

Consideramos que a Igreja “em saída” é um processo evidenciado pelo Papa Francisco, mas que tende a permanecer orientando os discípulos missionários nos próximos anos. Dentre os aspectos que norteiam a Igreja “em saída”, são relevantes: o testemunho dos discípulos missionários; a opção pelos pobres; e a descentralização como caminho da conversão pastoral. No entanto, a proposta da Igreja “em saída” só encontrará êxito se as testemunhas forem abertas ao protagonismo do Espírito Santo. Somente Ele é capaz de impulsionar as testemunhas para uma “saída” missionária permanente, bem como de mantê-las caminhando juntas nessa tarefa.

2. Antecedentes ao pontificado de Francisco

O Concílio Vaticano II representa uma reviravolta na teologia da missão. As mudanças objetivadas pelos Padres conciliares no campo da eclesiologia refletiram na vivência missionária. Dessa forma, buscou-se abandonar o aspecto etnocêntrico da missão, para reconhecer



a presença atuante do Espírito nas culturas e pessoas. Portanto, a teologia da missão mudou, porque a compreensão sobre a Igreja havia mudado (Módena, 2021, p. 38). “Ao passo que a Igreja tomou uma maior consciência da sua origem e identidade, ela também tomou da sua missão” (Módena, 2021, p. 52). Desse modo, AG, n. 2 expressa que a missão não é obra da Igreja, mas obra do desígnio salvífico da Santíssima Trindade. A Igreja é sacramento e instrumento dessa obra (LG, n. 8).

O novo modo de entender a natureza da Igreja foi se consolidando aos poucos. Nesse sentido, a retomada do assunto pelo Magistério, em diferentes momentos, é primordial. Dessa forma, fundado na experiência de Deus que toma a iniciativa de vir ao encontro da humanidade, o Papa Francisco propôs, durante seu pontificado, a Igreja “em saída”. Essa proposta, “objetivada pelo Papa Francisco, é na verdade fruto maduro que, depois de sessenta e um anos, o Concílio Vaticano II está oferecendo para o *aggiornamento* de toda a Igreja” (Sales, 2024, p. 26).

3. Igreja “em saída”: a eclesiologia do Papa Francisco

Francisco, o primeiro papa latino-americano, leva para o “centro” um jeito de ser Igreja das periferias (Sales, 2024, p. 56). Se fosse necessário resumir o seu pontificado numa expressão, certamente a mais adequada seria Igreja “em saída” (Sales, 2024, p. 67). No entanto, o projeto de Igreja “em saída” não é “só uma ideia com a qual ele se identifica, mas sim uma nova postura eclesial que ele sempre experimentou nas periferias das cidades da Argentina” (Sales, 2024, p. 71). Motivado por longa experiência, o Papa Francisco quis uma renovação das estruturas eclesiais que sempre deveriam estar a serviço da missão. “Porém, é preciso estar atento para não cairmos em personalismos, pois o projeto de Igreja em saída é maior do que o Papa Francisco” (Sales, 2024, p. 72).

As aspirações do Papa Francisco para uma Igreja “em saída” foram expostas ainda no seu primeiro ano de pontificado, por meio da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*² (EG) sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, publicada em 24 de novembro de 2013. Com esse documento, “o magistério latino-americano da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007), realizado em Aparecida, tornou-se magistério universal da Igreja Católica” (Suess, 2015, p. 8). Há “três pontos que julgamos basilares na compreensão da “Igreja em Saída” e que, ao mesmo tempo, servem como chave hermenêutica na tentativa de aproximação do Documento de Aparecida com a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: discípulos missionários, conversão pastoral, opção pelos pobres” (Sales, 2024, p. 79).

A expressão Igreja “em saída” aparece quatro vezes na *Evangelii Gaudium*, tendo um subtítulo para o assunto no primeiro capítulo do documento. No entanto, a reflexão sobre a Igreja “em saída”, que está nucleada nos números 20-23, se estende por todo o texto com termos correlatos que buscam explicitar o que é esse modo de ser Igreja (Sales, 2024, p. 85). O caminho indicado pelo Papa Francisco, para a Igreja dos próximos anos (EG, n. 1), é para

² Neste documento, o Papa Francisco recolhe as riquezas das reflexões do Sínodo de 2012 sobre a Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã (EG, n. 16). No entanto, “a *Evangelii Gaudium* vai muito além de uma síntese do Sínodo. (...) faz do seu texto não só um resumo do material herdado, mas um escrito autônomo e programático do seu papado” (Suess, 2015, p. 8).

todos os batizados, pois “todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG, n. 20). Trata-se de “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, n. 20).

4. O testemunho dos discípulos missionários na Igreja “em saída”

O dinamismo de uma Igreja “em saída” é gerado pelo testemunho da fé (Suess, 2015, p. 159). Por isso, “os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora” (EG, n. 92). “Somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor. [...] A missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer” (EG, n. 121).

Assim, desde a sua origem, a Igreja, enquanto comunidade discípula de Cristo (Dap, 138), assumiu a missão de anunciar a salvação que Deus ofereceu e continua oferecendo ao mundo por meio do seu Filho. Sendo Jesus Cristo o Verbo encarnado num tempo e num espaço, Ele é o Testemunho no mundo do Pai (Jo 1,18; 14,9; 15,15). Uma vez glorificado e elevado à direita de Deus Pai, a Igreja, impulsionada e assistida pelo Espírito Santo, continua na história até a parusia, dando testemunho de Cristo. Portanto, se a Igreja é por natureza missionária, a essência da missão é o testemunho (Módena, 2021, p. 161).

A compreensão da missão como testemunho cristão é importante para a renovação da consciência missionária. Dar testemunho do Ressuscitado configura a essência da missão: “sereis minhas testemunhas” (At 1,8). O testemunho se aplica à Igreja na sua totalidade. Ele é o caráter pessoal, mas ao mesmo tempo comunitário e interior que caracteriza o ser da Igreja (Módena, 2021, p. 46). A Igreja “em saída” testemunha a revelação da Trindade Santa na história. “Se, como Igreja, formos capazes de oferecer um testemunho alegre e esperançoso do Deus uno e trino como resposta à pergunta humana sobre o sentido, teremos dado o primeiro e mais importante passo de saída” (Augustin, 2018, p. 56).

O cristão não se esconde diante dos desafios no mundo. Ao contrário, ele dá forma à sua fé, impregnando a realidade com os valores do Evangelho. A fé cristã impele a ajudar na transformação das estruturas de pecado presentes no mundo. No entanto, a “Igreja só poderá atuar de forma atrativa e convincente se a sua realidade intrínseca for testemunhada por cristãos convictos” (Augustin, 2018, p. 154). Por isso, o Papa Francisco pede aos cristãos “um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente” (EG, n. 99).

Como testemunha do Ressuscitado, a Igreja é sinal de salvação por meio dos seus atos de serviço, a exemplo do Mestre. “Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG, n. 179). O dinamismo missionário da Igreja “em saída” se dirige “sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, ‘aqueles que não têm com que te retribuir’ (Lc 14,14)” (EG, n. 48).



5. A opção pelos pobres como característica da Igreja “em saída”

O Papa Francisco desejou “uma Igreja pobre para os pobres” (EG, n. 198). Por isso, a “opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG, n. 200). A Igreja se coloca “em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” (EG, n. 97). A opção pelos pobres é uma categoria mais teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica (EG, n. 198). “Como ensinava Bento XVI, esta opção ‘está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza’” (EG, n. 198). No entanto, essa opção preferencial não deve ser exclusiva e excludente em relação a todos os demais fiéis (Sales, 2024, p. 84).

A Igreja “em saída” tem os pobres não só como destinatários privilegiados, mas também como sujeitos da missão (EG, n. 197-201). Nesse sentido, a teologia lucana tem muito a contribuir sobre essa temática. Para Lucas, o discurso de Jesus na sinagoga é emblemático: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). A relação com os pobres deve se tornar para todos os batizados o objetivo central, porque, na pregação de Jesus, eles ocupam o centro.

A primeira comunidade cristã precisou buscar algo que identificasse as testemunhas do Ressuscitado. Por isso, a Igreja-Mãe de Jerusalém indica, como caminho seguro e como “critério-chave de autenticidade” (EG, n. 195), que Paulo e os demais deveriam “lembrar-se sempre dos pobres” (Gl 2,10)³. A comunidade tem um critério muito importante para avaliar a sua caminhada e verificar a sua ortodoxia. “Este critério, importante para que as comunidades paulinas não se deixassem arrastar pelo estilo de vida individualista dos pagãos, tem uma grande atualidade no presente contexto, em que tende a desenvolver-se um novo paganismo individualista” (EG, n. 195).

Os pobres são colocados “no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG, n. 198). A Igreja “em saída” se une aos pobres ao denunciar a economia da exclusão (EG, n. 53-54), a nova idolatria do dinheiro (EG, n. 55-56), um dinheiro que governa em vez de servir (EG, n. 57-58), a desigualdade social que gera violência (EG, n. 59-60). O envolvimento da Igreja nas causas dos pobres não é um desvio da sua natureza, porque a “tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” (EG, n. 182). Por isso, Francisco enfatiza: “O Papa ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los” (EG, n. 58). A opção pelos pobres nos lembra a necessidade da constante conversão, para seguirmos fiéis ao estilo de vida que Jesus assumiu.



³ “O Papa Francisco, ao recordar a escolha do próprio nome, contou que, após a sua eleição, um Cardeal amigo abraçou-o, beijou-o e disse-lhe: ‘Não te esqueças dos pobres!’” (DT, n. 6).

6. A descentralização na Igreja “em saída”: início de uma conversão pastoral

O Papa Francisco demonstra sua preocupação em descentralizar e ao mesmo tempo manifestar a catolicidade da Igreja. Isso é perceptível pelo modo de redigir a *Evangelii Gaudium*. No dinamismo de uma Igreja “em saída”, o Papa descentraliza o magistério eclesial citando as diversas Conferências Episcopais nacionais e continentais, bem como as exortações pós-sinodais dos sínodos continentais (Sales, 2024, p. 78). A inclusão de diversas realidades eclesiais no texto demonstra sua abertura e interesse pelas questões da Igreja em todo o mundo.



A descentralização esboçada pela *Evangelii Gaudium* quer se efetivar numa maior liberdade de decisão e de ação às Conferências Episcopais. Por isso, Francisco tem consciência: “Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios” (EG, n. 16). Portanto, ele “retoma as orientações do Vaticano II, e de forma muito simples, mas não menos profunda, propõe uma ‘nova etapa evangelizadora’, marcada pela reforma e descentralização eclesial” (Módena, 2021, p. 170)⁴.

A Igreja “em saída” é um convite à missionariedade, a uma nova práxis eclesial, porque, “neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’, pois não corresponde às exigências do Evangelho na atualidade” (EG, n. 25). O apelo do Papa Francisco ecoa nos corações:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37) (EG, n. 49).

A conversão pastoral acontecerá à medida que os discípulos missionários assumirem uma postura descentralizadora na Igreja, que é possível quando se tem a consciência de que a missão é de Deus. “Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG, n. 12). Essa consciência de que todos os batizados são cooperadores da missão, e não seus controladores, é fundamental para que tudo seja feito no Espírito Santo, a força que põe a Igreja “em saída” e que congrega o Povo de Deus.

4 O caminho de valorização do episcopado local foi indicado pelo Concílio Vaticano II pelo decreto *Christus Dominus*, principalmente.

7. A vida segundo o Espírito: a espiritualidade numa Igreja “em saída”

A conversão pastoral acontecerá se os discípulos missionários derem testemunho do Ressuscitado, a partir do Evangelho e com abertura ao Seu Espírito. Tendo a missão como obra do Espírito Santo, sabemos que todos os batizados somos chamados ao serviço da Igreja “em saída”. Todos somos guiados pelo mesmo e único Espírito que sopra onde quer (Jo 3,8) e concede a cada um os seus dons (1Cor 12,11), em vista da missão (Módena, 2021, p. 48).

A proposta de uma Igreja “em saída” não teria êxito sem “as motivações espirituais para o compromisso missionário” (EG, n. 17). Por isso, o Papa Francisco dedica o último capítulo da *Evangelii Gaudium* para esse aspecto primordial (EG, n. 259-288). Após as reflexões sobre a importância da conversão missionária de toda a Igreja, ele propõe o cultivo de uma mística evangelizadora, que dá vigor à missão dos discípulos missionários (Módena, 2021, p. 103). Essa mística é característica dos “evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (EG, n. 259).

O Papa Francisco diferencia “uma evangelização com espírito” daquele “conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos” (EG, n. 261). Segundo o papa, “uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, visto que Ele é a alma da Igreja Evangelizadora” (EG, n. 261). Francisco ensina “que nenhuma motivação será suficiente, se não arder nos corações o fogo do Espírito” (EG, n. 261), e dá o exemplo da entrega de si mesmo ao Espírito Santo: “antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma, a fim de evangelizar todos os povos” (EG, n. 261).

A abertura à ação do Espírito Santo é o princípio da saída de si mesmo. Por isso, o Papa Francisco insiste na superação da autorreferencialidade da Igreja (EG, n. 8; 95), isto é, a Igreja que se coloca no centro de si mesma. O antídoto contra esse mal é reconhecer a missão como obra de Deus (AG, n. 2). Dessa forma, mais facilmente se perceberá a ação de Deus na Sua Igreja, por meio do Espírito Santo. Do contrário, haverá espaço para o mundanismo espiritual, no qual se busca a glória humana e o bem-estar pessoal (EG, n. 93-97).

O Espírito Santo “é fonte de alegria” (EG, n. 5) e sustento do ardor missionário. “Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, que ‘vem em auxílio da nossa fraqueza’” (Rm 8,26) (EG, n. 280). Essa confiança precisa ser alimentada pela invocação constante do Espírito. “Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. [...] Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quiser” (EG, n. 280).

O Papa Francisco chama a atenção para possíveis atitudes polarizadas: uma espiritualidade sem compromisso social e missionário, como as atividades pastorais e sociais sem uma espiritualidade verdadeiramente cristã. Para o Papa, “evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham” (EG, n. 262). Os frutos de uma evangeliza-



ção eficaz só aparecerão “se conseguirmos, antes de tudo, aprofundar espiritualmente a nossa fé e renovar a nossa vida. Sem esse aprofundamento, as múltiplas atividades ficarão meramente na superfície” (Augustin, 2018, p. 25). Dito isso, “não podemos nos esquecer de que a Igreja é obra e dom do Espírito Santo, mas também que Ele atua em nós e através de nós. Nesse sentido, se em sua configuração a Igreja não for vivida como processo espiritual integral, ela se esvaziará” (Augustin, 2018, p. 74).

A “saída” missionária não significa ter a agenda cheia de atividades, pois “aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro ‘considerando-o um só consigo mesmo’” (EG, n. 199). Nesse sentido, a Igreja “em saída” é um modo de ser presença no mundo, segundo o Espírito Santo. Isso compreende a missão programática, que são as atividades missionárias pontuais e específicas, como eventos e projetos, e a missão paradigmática, a qual é a identidade da Igreja em uma chave missionária (Francisco, 2013, p. 2). Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco retoma a ideia da missão como paradigma, direcionando-a, agora, a todos:

A atividade missionária “ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” e “a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas”. Que sucederia se tomássemos realmente a sério estas palavras? Simplesmente reconheceríamos que a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja. Nesta linha, os Bispos latino-americanos afirmaram que “não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos”, sendo necessário passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (EG, n. 15).

A orientação da Igreja em chave missionária provoca a transformação de costumes que já não servem à transmissão do Evangelho (EG, n. 43). Isso só é possível a partir do encontro com o Ressuscitado, que, pela força e ação do seu Espírito, faz novas todas as coisas (Ap 21,5). A Igreja, como instituição presente na história, também precisa se renovar em suas estruturas. Por isso, é preciso ter em vista sempre mais a evangelização do que a autopreservação da Igreja (EG, n. 27).

O Espírito Santo impulsionou os Apóstolos a saírem de Jerusalém até os confins do mundo (At 1,8). Sem a presença do Espírito, os membros da Igreja permaneceriam fechados, no centro (Jo 20,19). A permanência pode fazer acomodar no “sempre foi assim” (EG, n. 33; 234). Por isso, o Espírito conduz a Igreja a evangelizar em todos os lugares, em todos os tempos. O Papa Francisco apresenta, a partir da escuta do Espírito, no Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, os três âmbitos da evangelização, a saber: [1] da pastoral ordinária; [2] das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo; [3] daqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram (EG, n. 14). A expressão Igreja “em saída” apresenta, por si, a ideia de movimento. Ela é a síntese do apelo do Papa Francisco por uma evangelização que ultrapassa o cotidiano da pastoral ordinária e assume a responsabilidade por todas as suas dimensões.





8. Considerações finais

Consideramos que a Igreja “em saída” é um processo de renovação, evidenciado pelo Papa Francisco, em sintonia com o Concílio Vaticano II. O seu modelo eclesiológico, vivido desde a Argentina, foi apresentado como inspiração para toda a Igreja. Dessa forma, ele impulsionou uma “saída” missionária que despertou em muitos batizados a urgência da missão. Por isso, entendemos que esse movimento não ficará restrito ao seu pontificado, mas tende a continuar em muitos âmbitos da Igreja.

A opção preferencial pelos pobres é um critério claro aos discípulos missionários que buscam dar ao mundo um testemunho de fé autêntico. No contexto de tantas vozes que anunciam o Evangelho, devemos nos perguntar se os evangelizadores não esquecem dos pobres (Gl 2,10). A evangélica opção pelos pobres também contribui para a superação da autorreferencialidade, pois, a partir da centralidade em Jesus Cristo, a Igreja dedica-se àqueles com os quais Ele se identifica.

Os passos dados por Francisco, em vista de uma Igreja “em saída”, continuam a inspirar os discípulos missionários a viverem uma Igreja servidora e missionária. Certamente, novos desafios exigirão de todos a abertura ao Espírito Santo, para saber caminhar com homens e mulheres de hoje. Somente o Espírito Santo pode livrar os seguidores de Jesus do perigo do fechamento em si mesmos. Ele nos impulsiona a viver em estado permanente de missão, assumindo a evangelização em todos os âmbitos.

9. Referências

AUGUSTIN, George. **Por uma Igreja “em saída”**: impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Petrópolis: Vozes, 2018.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Concílio Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Concílio Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 400-439.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2008.

FRANCISCO. **Discurso Aos Bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (C.E.L.A.M.) por ocasião da Reunião Geral de Coordenação**. Rio de Janeiro: 2013. Dis-

ponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 15 fev. 2026.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013. (Documentos Pontifícios).

LEÃO XIV. **Exortação Apostólica Dilexi te**: sobre o amor para com os pobres. Roma: 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html. Acesso em: 15 fev. 2026.



MÓDENA, Hernane Santos. **A missão da Igreja na contemporaneidade à luz do Vaticano II**: os desdobramentos da teologia da missão nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. São Paulo, 2021. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/24061/1/Hernane%20Santos%20M%C3%B3derna.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2026.

SALES, Irineu Claudino. **Papa Francisco e as raízes da expressão Igreja em Saída no Documento de Aparecida, na Evangelii Gaudium e a Introversão Eclesial**. Belo Horizonte, 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2023/09/Dissertacao-Irineu-Claudino-Sales_final.pdf. Acesso em: 15 fev. 2026.

SUESS, Paulo. **Dicionário da exortação Evangelii Gaudium**: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2015. (Comunidade e missão).

Recebido: 14 de abril de 2026

Aceito: 02 de maio de 2026